

Paróquia de Alfragide

N.º 10 | Janeiro de 2025



O Jubileu

No dia 9 de maio de 2024, Solenidade da Ascensão do Senhor, o Papa Francisco convocou a Igreja para o Jubileu Ordinário do Ano 2025, ao proclamar a Bula *Spes non confundit* (SNC) [A Esperança não engana (Rm 5,5)]. Mas o que é o Jubileu e qual a sua relevância espiritual e comunitária para a vida cristã?

O Jubileu é um acontecimento extraordinário e privilegiado da vida da Igreja. É um perdão geral ou uma indulgência plenária que o Santo Padre concede aos fiéis sob determinadas condições.

Doutrinalmente, o Jubileu está fundado sobre o valor das indulgências e sobre o poder que a Igreja tem de as conceder a partir do seu próprio tesouro, constituído pelos méritos de Cristo.

Historicamente, esta forma de indulgência toma o nome de Ano Santo. A sua configuração atual foi sendo preparada ao longo do tempo a partir da necessidade cada vez mais sentida, pelo povo cristão, de um perdão total para as penas devidas aos pecados pessoais cometidos e já perdoados quanto à culpa, no sacramento da confissão. O desejo de alívio ou de perdão definitivo por tais penas temporais levou a que os cristãos, desde os primeiros séculos, praticassem a esmola e muitas outras boas obras, por si e pelos outros. Com o tempo, introduziram-se as ofertas e as peregrinações. Ao verificarem esta necessidade do povo cristão, os Papas não hesitaram em admitir especiais indulgências para determinadas obras de bem: libertação dos escravos, construção de catedrais, libertação dos Lugares Santos.

Foi este percurso de graça, animado pela espiritualidade popular, que conduziu à proclamação do primeiro solene Jubileu da Igreja, em 1300, pelo Papa Bonifácio VIII. Os pontificados seguintes vão configurar cada vez melhor a periodicidade dos Jubileus e as suas condições. A norma de se celebrar ordinariamente o Jubileu de 25 em 25 anos remonta a 1475, ao pontificado de Paulo II.

Os objetivos de cada Jubileu são fixados pelo Santo Padre no momento da sua proclamação, através de uma Bula: o apelo da Igreja à vida da graça, a retoma da vida sacramental; uma maior prática da caridade; a eliminação dos males sociais; a renovação da vida moral.

A partir de Sisto V (1585-1590), é introduzido o Jubileu Extraordinário, assim que as necessidades e as circunstâncias da vida da Igreja o peçam. O último Jubileu Extraordinário foi proclamado pelo Papa Francisco, no dia 13 de março de 2015, dedicado a “manifestar e permitir encontrar o «Rosto da misericórdia» de Deus” (SNC, 6).

O Jubileu da Esperança - 2025

O Papa Francisco inscreve o próximo Jubileu num “percurso marcado por grandes etapas”, “em continuidade com os anteriores eventos de graça” e orientado “a outra data fundamental”, que são “os dois mil anos da Redenção”, que se celebrará em 2033. É neste encaixe que se abre “novamente de par em par a Porta Santa para oferecer a experiência viva do amor de Deus, que desperta no coração a esperança segura da salvação em Cristo” (SNC, 6).

Mas porquê um Jubileu da esperança?

Não apenas por causa da violência e das guerras presentes, mas, de forma positiva, porque “todos esperam”, porque “no coração de cada pessoa encerra-se a esperança como desejo e expectativa do bem” (SNC, 1). A celebração do Jubileu é ocasião para que esta esperança inscrita no coração do homem se faça acompanhar com conteúdos e sinais que a tornem concreta: paz para o mundo, entusiasmo para transmitir a vida, iniciativas que restituam a esperança aos presos, proximidade aos doentes, cuidado pelos jovens, acolhimento aos migrantes, valorização dos idosos, partilha com os pobres (cf. SNC, 7-15).

A estes sinais, outros apelos se juntam em favor da esperança: a justa partilha dos bens da terra; a criação de um fundo global para acabar com a fome; o perdão das dívidas dos países pobres; a guarda da unidade do povo de Deus e o anúncio fiel do Evangelho; e a unidade em torno de uma data comum para a Páscoa (cf. SNC, 16-17).

A Porta Santa

A Porta Santa é aberta quando se celebra um Jubileu. É a abertura, em Roma, das portas muradas que se encontram nas Basílicas de São Pedro, de São João de Latrão, de São Paulo Extramuros e de Santa Maria Maior.

A abertura da Porta Santa da Basílica de São Pedro é celebrada na Vigília de Natal e é feita pelo Papa, dando início ao Ano Santo. O mesmo rito sucede-se nas outras Basílicas em datas definidas. O fim do Jubileu dá-se com o encerramento da Porta Santa da Basílica de São Pedro. A primeira notícia histórica da abertura da Porta Santa remonta à Vigília de Natal de 1449, no pontificado de Nicolau V.

O facto de o Santo Padre utilizar um martelo para abrir a Porta Santa e não uma chave é porque quer indicar que a Porta cede não sem resistência, como se precisasse de marteladas repetidas, da oração assídua, quase violenta, como para forçar a Porta da Misericórdia. O encerramento acontece com a bênção da cal e dos tijolos, símbolos da construção espiritual da casa de Deus, e que servirão para murar novamente a Porta. Ambos os ritos, de abertura e encerramento, são vividos em clima de júbilo. A Porta é dita Santa porque abre e delimita um período dedicado à especial santificação dos fiéis. Para o Jubileu da Esperança, o Papa Francisco estabelece ainda que “no domingo 29 de dezembro de 2024, em todas as catedrais e concatedrais, os Bispos diocesanos celebrem a Santa Missa como abertura solene do Ano Jubilar” (SNC, 6), para que os que não puderem peregrinar até Roma beneficiem igualmente da graça do perdão.



Oração do Jubileu

Pai que estás nos céus,
a fé que nos deste no
teu filho Jesus Cristo, nosso irmão,
e a chama de caridade
derramada nos nossos corações pelo Espírito Santo
despertem em nós a bem-aventurada esperança
para a vinda do teu Reino.

A tua graça nos transforme
em cultivadores diligentes das sementes do Evangelho
que fermentem a humanidade e o cosmos,
na espera confiante
dos novos céus e da nova terra,
quando, vencidas as potências do Mal,
se manifestar para sempre a tua glória.

A graça do Jubileu
reavive em nós, Peregrinos de Esperança,
o desejo dos bens celestes
e derrame sobre o mundo inteiro
a alegria e a paz
do nosso Redentor.
A ti, Deus bendito na eternidade,
louvor e glória pelos séculos dos séculos.
Âmen



Mensagem do Pároco

Caríssimos paroquianos e amigos,
Estamos a viver, com toda a Igreja, um Ano Jubilar, inaugurado, pelo Papa Francisco, na Noite de Natal, com a abertura da Porta Santa da Basílica de São Pedro.

O Jubileu é um acontecimento que não visa exclusivamente a dimensão espiritual do cristão, mas que a combina com os aspetos fundamentais da vida social de modo a constituir uma unidade coerente na vida do crente.

Este Jubileu é particularmente dedicado ao tema da esperança. Meditando um pouco sobre esta virtude, é-nos possível reconhecer que essa é, por natureza, uma realidade social e relacional e não apenas individual. Damo-nos conta, de facto, que todas as nossas atividades se inscrevem no horizonte da esperança. Não nos perguntamos para quem são todos os nossos esforços e canseiras? Porque é que nos envolvemos na vida com todas as nossas forças?

Para o pensamento clássico, especialmente de matriz helénica, a esperança é apenas entendida como investimento das próprias energias, vontade, empenho físico, psíquico. A esperança resume-se a uma questão técnica de autoconsciência e autossuficiência. A esperança cristã, porém, introduz uma novidade de grande alcance: a esperança não é possível apenas através do esforço humano, mas requer a ajuda das outras pessoas. E porque os dons divinos nos chegam sempre através das outras pessoas, a esperança cristã é uma realidade eminentemente social, comunitária, relacional. O homem espera em Deus, mas também nos outros, do mesmo modo que acredita nos outros e confia nos outros.

Acolhamos, então, este apelo que o Papa Francisco nos deixa na Bula de proclamação do Jubileu: “Que o Jubileu seja, para todos, ocasião de reanimar a esperança!”.

Invoco para cada um de vós e para as vossas famílias a bênção de Deus.
Pe. Paulo Coelho, scj